

Período de chuva, alagamento e goteiras

HELENA MADER E
RACHEL LIBRELON

DA EQUIPE DO CORREIO

A chuva forte registrada ontem sobre a cidade atrapalhou o trânsito e a rotina dos brasilienses. Até o final da tarde de ontem, o Corpo de Bombeiros registrou 12 acidentes de carro. De acordo com a Defesa Civil, houve inundações na Estrutural, Areal e Arniequeiras, mas não foram registradas ocorrências graves. O trânsito ficou complicado no final da tarde, principalmente no Eixo Monumental e na zona central do Plano Piloto.

A equipe do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) informa que a chuva deve continuar nos próximos quatro dias. “Uma frente estacionária vai deixar o céu encoberto até o final da semana”, explica o meteorologista Hamilton Carvalho, do Inmet. Amanhã, a temperatura varia entre 18° e 25° e a umidade do ar deve ficar em torno de 75%.

Ruas e tesourinhas alagadas, carros enguiçados, poças d’água por todos os lados. Quando o período de chuva começa, os transtornos para os motoristas aumentam. As vias largas da ci-

Gustavo Moreno/Especial para o CB



ÁGUA ACUMULADA NA PONTE JK, O QUE EXIGE MAIS ATENÇÃO DOS MOTORISTAS

dade favorecem o escoamento da água. Mas algumas regiões, onde não há galerias de águas pluviais, ainda sofrem com o acúmulo de água da chuva. Moradores do Plano Piloto e do Lago Sul também convivem com vias inundadas. Além dos temporais, a falta de educação de alguns brasilienses também contribui para o agravamento do problema: o lixo jogado no chão obstrui as bocas-de-lobo e atrapalha o escoamento no período chuvoso.

Na Asa Norte, as ruas das quadras 102 e 302 ficam sempre cobertas de água. Mas, ali, a solução é mais complicada. “Como há planos de estender o metrô até o local, só podemos construir uma galeria de água pluvial se o sistema for muito profundo. E isso custaria mais de R\$ 30 milhões. O governo preferiu investir esses recursos em cidades onde há poucas redes

pluviais, como São Sebastião”, explica o presidente da Nova-cap, Elmar Koenigkan.

O Distrito Federal tem cerca de 60 mil bocas-de-lobo e 2,5 mil quilômetros de redes de águas pluviais. Em 2005, o governo gastou cerca de R\$ 120 milhões na construção de sistemas de captação. Cidades como Recanto das Emas, São Sebastião e Gama foram beneficiadas. No Lago Sul, as invasões às margens do Lago Paranoá atrapalham o trabalho. A dificuldade é levar as redes de águas pluviais até o espelho d’água. Toda chuva captada no Distrito Federal é despejada no Lago Paranoá.

Hospital

A chuva forte destelhou parte do ala pediátrica do Hospital Regional da Asa Sul (Hras). A água infiltrou pela laje e alagou o corredor de acesso às enfermarias da clínica cirúrgica pediátrica e da que recebe pessoas com doenças infecto parasitárias (DIP). O local acolhe crianças recém-operadas ou que aguardam por cirurgia. Entre às

ESCOAMENTO

60 MIL

é o número de bocas-de-lobo existentes no DF que também registra

2.500

KM

de redes pluviais

14h e 15h de ontem, quando choveu mais forte na Asa Sul, funcionários da limpeza do hospital tiveram trabalho para impedir que a água entrasse nos quartos e alcançasse os pacientes internados.

“Mas não há risco iminente para os internados uma vez que o problema é no corredor”, garantiu o vice-diretor do Hras, Renato Moreira. Mas ele reconhece que não é adequado crianças em fase de recuperação ficarem em um ambiente com infiltrações. “Não é interessante que isso aconteça. Não ajuda em nada o trabalho nas enfermarias”, avaliou.

Segundo o médico, um antigo defeito no telhado foi agravado pela chuva forte. O reparo, disse Moreira, já foi pedido à divisão de obras da Secretaria de Saúde. Mas não há prazo para o trabalho comece, conforme informou a assessoria de imprensa da Secretaria de Saúde. Antes da recuperação das telhas e do teto, é preciso fazer um empenho para avaliar se há recursos e fazer uma licitação.